

MULTITERRITORIALIDADE E ESTRATÉGIAS NA JORNADA DOS/AS ESTUDANTES DE CAMADAS POPULARES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS (UFNT)

MULTITERRITORIALITY AND ETHNOMETHODS IN THE JOURNEY OF STUDENTS FROM LOWER SOCIOECONOMIC BACKGROUNDS AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF NORTHERN TOCANTINS

Gabriel Queiroz dos Santos¹

Plábio Marcos Martins Desidério²

Rosária Helena Ruiz Nakashima³

Resumo

Explora a relação entre os conceitos de multiterritorialidade e as estratégias realizadas por estudantes de camadas populares que ingressam na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). A partir de abordagem qualitativa e dos princípios da etnometologia, o estudo investiga como estudantes navegam por múltiplos territórios – físicos e simbólicos – ao longo de sua jornada acadêmica. O texto destaca as estratégias cotidianas que eles/as desenvolvem para superar desafios e garantir sucesso acadêmico. As narrativas revelam a importância das redes de apoio e da construção de novos territórios de pertencimento dentro do contexto universitário.

Palavras-chaves: Multiterritorialidade. Estratégias. Universidade pública.

Abstract

This article explores the relationship between the concepts of multiterritoriality and ethnomethods in the trajectories of students from lower socioeconomic backgrounds who enroll at the Federal University of Northern Tocantins. Through a qualitative approach and the principles of ethnomethodology, the study investigates how these students navigate multiple territories—both physical and symbolic—throughout their academic journey. The text highlights the everyday strategies they develop to overcome challenges and achieve academic success. The collected narratives reveal the

¹ Mestre em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT). Coordenação Pedagógica (Ibra). Licenciatura em História pela Universidade Federal do Tocantins (Câmpus de Araguaína). Membro do grupo de Estudos e Pesquisas "História, Cultura e Território". E-mail: gqscpp@gmail.com. Telefone: (63) 99291-6037. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3240-5654>.

² Professor do Curso de História e do PPG em Estudos de Cultura e Território. Coordenador do Núcleo de Estudos Urbanos e Culturais. UFNT. Email: plabio.desiderio@ufnt.edu.br. Telefone: (63) 98121-5261. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2819-9846>.

³ Pedagoga. Mestre em Educação pela Unicamp. Professora do Curso de História e do PPG em Estudos de Cultura e Território (UFNT). E-mail: rosaria.nakashima@ufnt.edu.br. Telefone: (63) 98131-0335. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7798-6363>.

importance of support networks and the construction of new territories of belonging within the university context.

Keys words: Multiterritoriality. Ethnomethodology. Public university.

Introdução

Este artigo busca explorar a relação entre os conceitos de multiterritorialidade, conforme descrito por Rogério Haesbaert, e etnometodologia, desenvolvidos por Alain Coulon, nas trajetórias de estudantes de camadas populares que ingressam na universidade. A análise se concentra em como estudantes navegam pelos múltiplos territórios – tanto físicos quanto simbólicos – que encontram ao longo de sua jornada acadêmica, utilizando estratégias diárias, percebido pela etnometodologia, para superar os desafios inerentes ao contexto universitário.

Conforme apontado por Carneiro e Sampaio (2011), a inclusão de jovens provenientes de camadas populares no ensino superior é um fenômeno relativamente recente, vinculado ao processo de expansão e interiorização das universidades observado a partir dos anos 2000. As ações afirmativas, como as cotas, surgem como mecanismos para corrigir desigualdades históricas e sociais, permitindo que mais estudantes de origens socioeconômicas menos favorecidas possam transpor as barreiras tradicionalmente associadas ao ingresso e à permanência no ensino superior.

Carneiro e Sampaio (2011) destacam que, embora haja debates acalorados sobre a meritocracia, a permanência desses estudantes e as políticas de assistência voltadas para garanti-la habitualmente não fazem parte desse debate. Esse movimento, impulsionado pela implementação de políticas de ações afirmativas, reflete um esforço para democratizar o acesso à educação superior no Brasil.

Nas seções seguintes, abordamos a etnometodologia como recurso teórico-metodológico na leitura das entrevistas (fontes) deste artigo. Logo, tratamos de desafios enfrentados pelos/as estudantes no início de sua jornada acadêmica e as estratégias desenvolvidas pelos mesmos como alternativa para o sucesso no percurso acadêmico. Na terceira seção, exploramos como os/as estudantes constroem novos territórios dentro da universidade por meio de suas interações sociais e redes de apoio. Encerramos o artigo com algumas considerações sobre como a multiterritorialidade e as estratégias criados pelos interlocutores/as foram significativos em seus percursos acadêmicos.

Caminhos metodológicos

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, centrada na etnometodologia, com o objetivo de investigar como os/as estudantes universitários (as) utilizam para se adaptar e garantir o sucesso em seu percurso acadêmico. A abordagem qualitativa permitiu explorar significados, motivações, valores e crenças dos/as participantes.

O estudo foi realizado na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), em Araguaína, especificamente com estudantes dos cursos de Zootecnia, Medicina, Medicina Veterinária, Biologia, Química e História. A seleção foi limitada a estudantes que estão entre o terceiro e o sexto período de seus cursos e que ingressaram na universidade por meio de cotas para alunos de camadas populares e escolas públicas. Participaram da pesquisa seis estudantes da UFNT (Quadro 1), cujas idades variam entre 19 e 22 anos.

Quadro 1: Dados das/os interlocutoras/es.

Nome	Idade	Curso	Período	Origem
Alice Silva	21	Medicina	6º	Palminópolis (Goiás)
Ana Maria	21	Biologia	5º	Araguaína (Tocantins)
Raimunda Costa Silva	22	Medicina Veterinária	3º	Araguatins (Tocantins)
Vinicius Costa	21	História	5º	Santa Fé (Tocantins)
Castiel Rodrigues	21	Química	4º	Estreito (Maranhão)
Emanuel Alves	19	Zootecnia	4º	Arapoema (Tocantins)

Fonte: Dados da pesquisa (2022/2023/2024).

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas com a autorização dos participantes. As entrevistas tiveram duração de 40 a 60 minutos e foram conduzidas com base em um roteiro que explorava as rotinas acadêmicas, as estratégias utilizadas pelos/as estudantes para garantir seu sucesso acadêmico.

O estudo foi conduzido de acordo com as normas éticas vigentes, tendo sido aprovado pelo Conselho de Ética da Fundação Universidade Federal do Tocantins, conforme o parecer 6.233.244. Todos os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, garantindo o anonimato e o uso de nomes fictícios para proteger suas identidades. A pesquisa respeitou todas as diretrizes da Norma Operacional 001/2013.

A etnometodologia é uma abordagem sociológica que busca compreender os métodos e práticas que as pessoas utilizam no cotidiano para dar sentido às suas ações e interações sociais. Diferente de outras abordagens, a etnometodologia se concentra

na análise das práticas sociais comuns, enfatizando a criatividade e a engenhosidade com que os indivíduos interpretam e moldam a realidade à sua volta. Segundo Coulon (1995), a etnometodologia é [...] a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar" (p. 30).

Essa metodologia se distancia das tradicionais análises sociológicas normativas, propondo um paradigma interpretativo que foca nos processos de interpretação em vez de regras culturais estáveis. A etnometodologia, portanto, explora como os indivíduos, por meio de práticas e estratégias, constroem e mantêm o mundo social ao seu redor, exibindo competência social que lhes permite adaptar-se e integrar-se em diferentes contextos sociais e institucionais (COULON, 1995, p. 48).

No contexto educacional, a etnometodologia tem sido utilizada para entender como estudantes universitários, especialmente aqueles de camadas populares, desenvolvem estratégias e práticas para se adaptarem e terem sucesso no ambiente acadêmico. Coulon (2019) destaca que "[...] tornar-se um estudante universitário é aprender um ofício, mesmo que temporário, para não fracassar no percurso acadêmico" (p. 53). Isso envolve a afiliação intelectual e institucional, na qual o estudante aprende a dominar a linguagem e os códigos do novo campo social em que está inserido, garantindo assim sua continuidade e sucesso na vida universitária.

Essa perspectiva metodológica valorizou as práticas cotidianas e a adaptação criativa dos/as interlocutores/as, oferecendo uma lente diferenciada para entender a dinâmica social e educacional, especialmente em contextos desafiadores narrados por eles/as. Assim, a etnometodologia se revelou um instrumento poderoso para investigar como foram construídas suas trajetórias de vida e aprendizado em meio às estruturas sociais nas quais estão inseridos/as.

Reforçando, a análise dos dados seguiu os princípios da etnometodologia, nos quais foram identificadas categorias de análise orientadas pela teoria de Alain Coulon e pelas narrativas dos estudantes. As entrevistas foram transcritas e analisadas para identificar padrões e significados relacionados às estratégias de adaptação dos estudantes ao ambiente universitário.

Multiterritorialidade e as práticas dos estudantes no ambiente acadêmico: desafios de ingresso

Enquanto se apresentavam, observamos nas narrativas das/os interlocutoras/es a criação de estratégias por elas/eles, antes mesmo de adentrarem à universidade.

Souza e Santos (2009) mencionam alguns aspectos que marcam as dificuldades dos recém-chegados à universidade, a saber:

1. A realização da matrícula;
2. A necessidade de liberdade e autonomia no aprendizado;
3. A demanda de leituras mais densas na universidade;
4. A escrita das primeiras resenhas e artigos;
5. As apresentações em eventos acadêmicos;
6. A competitividade entre colegas em sala de aula;
7. O uso das normas técnicas para a escrita acadêmicas;
8. Não ter o nome lembrado por professores em sala de aula ou por funcionários da universidade;
9. Informações sobre a localização de salas de aulas em murais;
10. Sentir-se perdidos na localização dos prédios administrativos, biblioteca e demais espaços universitários;
11. As roupas e a aparência não padronizadas dos estudantes;
12. Não ter conhecidos na cidade universitária;
13. Os desafios em dividir casa com outros estudantes;
14. A surpresa da aprovação, entre outros marcadores (SOUZA; SANTOS; 2009, p. 164).

Por isso, antes do ingresso na universidade, identificamos que essa etapa da vida é conflituosa. É nesse momento que os medos começam a tornar o desejo opaco, em relação aos objetivos traçados no momento da inscrição para o vestibular ou ENEM. Esses medos advêm de uma série de questões, tais como a linguagem densa dos editais, as burocracias documentais da matrícula, a geografia do campus universitário e até mesmo o convívio afetivo e cultural dos diferentes sujeitos nas primeiras semanas de aula.

No contexto universitário ocorrem processos contínuos de multiterritorialidade, forjados pelas diversas interações e experiências vivenciadas pelos estudantes antes e durante sua jornada acadêmica. Segundo Haesbaert (2004, p. 344):

A existência do que estamos denominando multiterritorialidade pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e de a partir daí formular uma territorialização efetivamente múltipla não é exatamente uma novidade pelo simples fato de que se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos toda relação social implica uma interação territorial um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido teríamos vivido sempre uma “multiterritorialidade”.

Esta concepção reconhece que as pessoas constroem e vivenciam múltiplos territórios simultaneamente, cada um com suas próprias significações e modos de relação. Essa experiência de multiterritorialidade sempre existiu, pois, mesmo as interações sociais mais básicas envolvem a negociação de diversos territórios.

A multiterritorialidade envolve tanto as conotações materiais quanto simbólicas do território, vinculadas às noções de poder, dominação e apropriação (HAESBAERT,

2004). Nesta pesquisa, os/as estudantes de camadas populares navegaram por múltiplos territórios simultaneamente, como suas origens socioeconômicas, a cultura acadêmica e as novas exigências do ambiente universitário.

As narrativas dos/as interlocutores/as evidenciaram a criação de estratégias por eles antes mesmo de adentrarem à universidade. Souza e Santos (2009) mencionam aspectos que marcam as dificuldades dos recém-chegados à universidade, como a realização da matrícula, a necessidade de liberdade e autonomia no aprendizado, e a demanda de leituras mais densas.

Alice Silva, estudante de Medicina, narra sua trajetória marcada por desafios econômicos e educacionais para ingressar na universidade, destacando a importância do apoio familiar e de cursinhos preparatórios. Ela relata:

Em 2018 fiz o ENEM tirei uma nota satisfatória, mas eu ainda não consegui passar no SISU no primeiro semestre no SISU/01 também joguei minha nota no PROUNI, mas ficava sempre no quase. Fiquei muito triste, mas sempre tive apoio dos meus pais daí voltei para um cursinho com desconto sempre com desconto aí eu fiz esse cursinho fiz além provas a UNEMATE estadual do Mato Grosso continuando estudando, pois, muitas coisas podiam acontecer no ano de 2019 com o SISU/02 consegui entrar na UFT e em seguida recebi o resultado da UNEMATE aí foi só alegria! (Alice Silva estudante de Medicina – UFT/UFNT).

Essa narrativa demonstra como os estudantes de camadas populares constroem estratégias cotidianas, para superar obstáculos e alcançar seus objetivos educacionais. A multiterritorialidade no ambiente universitário reflete a adaptação dos estudantes às novas realidades e a construção de pertencimento em múltiplos territórios simbólicos e materiais.

A adaptação acadêmica depende de vários fatores que contribuem para que os estudantes se sintam integrados ao curso e à universidade. Entretanto, esses aspectos nem sempre estão diretamente ligados ao contexto acadêmico. A afiliação ao ensino superior envolve desde o sentimento de pertencimento à turma até o conhecimento das oportunidades oferecidas pela universidade, além da rede de apoio disponível para os calouros em casos de dificuldade.

Outra interlocutora, Raimunda Costa Silva, que ingressou em Medicina Veterinária, relata que a falta de preparação oferecida pelo ensino público a obrigou a buscar aulas preparatórias para o vestibular, oferecidas de forma voluntária por professores/as de sua cidade. Esse tipo de apoio comunitário evidencia a importância das redes de solidariedade na construção das estratégias necessárias para o sucesso acadêmico.

Alice Silva menciona que, durante sua preparação para o vestibular, utilizou recursos autodidatas e buscou apoio em cursinhos pré-vestibular online. Ela destaca:

Eu terminei o ensino médio em 2015 quando terminei eu sabia muito que queria medicina, mas eu não sabia como eu iria conseguir... Sabendo que seria difícil, eu persistia, buscando o que era possível na minha realidade (Alice Silva).

Mesmo com todo o esforço, Alice não obteve sucesso imediato, precisando de várias tentativas até conseguir uma vaga em Medicina na UFT/UFNT. Sua jornada é marcada por uma complexa interação entre diferentes territórios sociais e acadêmicos, destacando a importância de reconhecer a educação como um processo profundamente enraizado em contextos sociais e espaciais.

Criação de novos territórios: relações sociais e redes de apoio

No contexto da entrada de estudantes de camadas populares na universidade, é possível observar a construção de novos territórios a partir de suas vivências e interações sociais. Conforme exposto por Haesbaert (2004), a multiterritorialidade é um fenômeno que "diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto de dominação quanto ao poder no sentido mais simbólico de apropriação" (HAESBAERT, 2004, p. 6774). Assim, ao adentrarem a universidade, os/as estudantes não abandonam completamente seus territórios de origem, mas constroem novas territorialidades que entrelaçam suas experiências anteriores com os desafios e oportunidades do novo ambiente.

As narrativas dos/as interlocutores/as deste estudo revelam como a adaptação à universidade envolve a criação de práticas, estratégias cotidianas que facilitam a navegação nesse novo território. Por exemplo, Alice Silva, estudante de Medicina na UFT/UFNT, descreve sua trajetória como marcada por "*perseverança, estudos independentes, enfrentamento de dificuldades econômicas e conquista de bolsa estudantil em cursinho pré-vestibular*". Alice compartilha sua história:

A primeira batalha gira em torno do dinheiro porque eu via muitas pessoas ao meu redor com melhores condições financeiras indo para Goiânia fazer cursinho, conciliar o ensino público com o cursinho. Eu vi muito isso e eu não tinha... meu pai não tinha condição de me mandar para Goiânia para fazer cursinho e nem em uma cidade próxima que já tinha um cursinho que é São Luís de Montes Belos. [...] Eu terminei o ensino médio em 2015, quando terminei eu sabia muito que queria medicina, mas eu não sabia como eu iria conseguir. Na época eu fiz o ENEM no 3º ano, eu tirei uma nota satisfatória na redação, na época só na redação mesmo, pois nas outras estava bem abaixo para o curso que eu queria. [...] Eu decidi persistir no que eu queria, então eu fiz cursinho online em 2016 para isso, eu estudei com o 'descomplica'. Nesse um ano eu já tinha noção da minha defasagem com o

ensino público, mas com o cursinho eu tive noção que era mais ainda, do quanto faltava para eu alcançar meus objetivos que era entrar na Medicina" (Alice Silva, estudante de Medicina – UFT/UFNT).

Essa trajetória demonstra como as estudantes utilizam recursos disponíveis em seus contextos sociais e familiares para superar obstáculos aparentemente intransponíveis. A persistência de Alice é um exemplo claro de como a construção de novos territórios acadêmicos envolve estratégias de adaptação e resistência.

Outro exemplo significativo é o de Castiel Rodrigues, estudante de Química na UFT/UFNT, que teve sua inscrição no vestibular custeada por uma professora, destacando a importância das redes de apoio que se formam no território educacional. Ele narra:

É engraçado isso porque eu não consegui pagar uma professora minha falou 'Castiel, eu acredito que tu vais passar... o valor completo era cento e quarenta e cinco se não me engano. Aí eu falei 'A senhora acha, professora?' Eu consegui um pouco do dinheiro, só que eu não tive muito apoio da minha família porque estavam passando por uma crise de saúde. Então eu fiquei assim, mas a minha professora falou 'Eu vou pagar o resto pra ti, me diz quanto é'. Aí ela pagou e foi no último dia, aí eu fiz, então praticamente foi essa a história pra eu poder chegar até aqui (Castiel Rodrigues, estudante de Química – UFT/UFNT).

Este relato ilustra como o apoio de professores e colegas é fundamental para que estudantes de camadas populares consigam ingressar e permanecer na universidade. A multiterritorialidade vivenciada por esses/as estudantes também se manifesta nas mudanças identitárias e culturais que acompanham o ingresso no ambiente universitário.

Raimunda Costa Silva, estudante de Medicina Veterinária, reflete sobre a distância de sua família e como isso impactou sua adaptação: “Tive que vir para outra cidade, fiquei muito longe da minha mãe, do meu namorado, então é difícil lidar com essa distância” (Raimunda Costa Silva, estudante de Medicina Veterinária – UFT/UFNT).

Por outro lado, ela também relata como a experiência de estar em um ambiente universitário contribuiu para sua sensação de pertencimento e realização: “Eu me sinto bastante pertencente a esse universo universitário porque, no caso, a faculdade veterinária foi o que sempre quis” (Raimunda Costa Silva, estudante de Medicina Veterinária – UFT/UFNT).

Coulon (2008, p. 35) destaca que o primeiro ano na universidade é “(...) catastrófico para muitos e tão difícil para todos”. Isso porque toda novidade é permeada por estranheza, por difícil assimilação e, muitos estudantes ficavam surpreendidos com tantas dificuldades enfrentadas, pressupondo aos estudantes que “os alunos do ensino médio não estão preparados para se afiliar ao ensino superior, especialmente porque lá

eles devem suportar uma orientação obrigatória que lhe faz acreditar que estão no lugar que merecem” (p. 35).

Já a estudante Raimunda Costa Silva relata que não sentiu tanta dificuldade no processo transitório entre ensino médio e universidade, mas em contrapartida salienta que foi o caso dela, tendo em vista que é aluna oriunda do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), onde, segundo a estudante, traz uma educação voltada para a ciência.

No superior os professores são menos acessíveis e raramente há interação com os alunos, principalmente no período da pandemia. Mas, em questão de adaptação, eu tive muita sorte, porque o meu ensino médio eu fiz em escola federal também, estudava o dia todo tinha muitas disciplinas. Os professores também, grande maioria, com doutorado eram excelentes. Então o nível de exigência era muito alto e quando eu entrei na faculdade foi uma continuação, a única coisa na faculdade você tem que aprofundar mais. Essa foi a diferença que eu vi, essa questão de que os professores realmente são menos acessíveis e quase não tem aquela interação saudável entre os alunos e os professores e os alunos, mas esse é o meu caso, mas tem colega, a maioria, não teve esse privilégio que eu te vi os que vieram assim escola normal [escola pública, sem ser instituto federal] eles realmente sofrem bastante (Raimunda Costa Silva, estudante de Medicina Veterinária – UFT/UFNT).

Sob este aspecto, Oliveira *et al.* (2014) afirmam que uma importante característica que se sobressai no processo de permanência do estudante recém-chegado na universidade, é a interação entre professor-aluno, cuja relação, segundo Raimunda Costa Silva, ainda é distante. Vale ressaltar que a acadêmica vivenciou a maior parte de sua experiência no período das atividades remotas, durante a pandemia de Covid-19⁴. A

[...] relação professor-aluno mostra-se fundamental para a avaliação da qualidade da trajetória universitária (Soares, Almeida, Diniz, & Guisande, 2006). Esta interação depende, fundamentalmente, do ambiente estabelecido pelo docente, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos estudantes e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles (Brait e cols., 2010). Além disso, a disponibilidade dos professores está relacionada a maior adesão ao curso e à profissão, o que pode contribuir para a satisfação com a escolha profissional (Teixeira, Castro & Piccolo, 2007) (OLIVEIRA et al., 2014, p. 240).

O advento da Covid-19 não impactou somente a estudante Raimunda, mas diversos outros que adentraram a universidade em 2020, como foi o caso do estudante Vinicius. Este só conseguiu conhecer, efetivamente, a universidade um ano após iniciar as aulas e, ao ser questionado sobre como foi o primeiro dia na universidade, responde:

⁴ No dia 30 de março de 2020, o Conselho Universitário da UFT (Consuni) deliberou a suspensão do calendário estudantil da UFT/UFNT, devido a pandemia de coronavírus que o mundo começara a enfrentar.

Eu fui pisar na universidade de fato apenas um ano após já estar estudando, porque ingressei no período pandêmico. Nesse sentido de pisar pela primeira vez, o que me lembro de sentir euforia, ver os amigos que já tinha feito no meio remoto, encontrar professores e viver de fato a universidade presencialmente e não só por meio de uma tela. (Vinicius Costa, estudante de História – UFT/UFNT).

Vinicius, vivenciou o impacto da pandemia de Covid-19, destacando a experiência de entrar na universidade em um momento atípico e só conseguir interagir fisicamente com o espaço universitário e seus colegas após um ano de estudo remoto. A "euforia" de pisar na universidade reflete o valor significativo do espaço físico como um território de socialização, aprendizado e desenvolvimento pessoal.

A partir desse relato, permitiu-se perguntar a Vinicius como foi o primeiro período, em um momento de transição ensino médio e academia. A narrativa de Vinicius é de que a experiência, pelo menos, pedagógica não foi muito diferente, tendo em vista que ao concluir o ensino médio remotamente, ele conseguiu, nesse aspecto, se familiarizar muito rápido.

Não tive tanto impacto, pois eu já vinha de um término no ensino médio completamente remoto, então quando ingressei, já estava habituado ao meio remoto. Sendo o ensino remoto, as cobranças não eram tantas quanto as no ensino presencial (Vinicius Costa, estudante de História – UFT/UFNT).

Não muito diferente de Vinicius, a estudante de Biologia, Ana Maria, quando indagada sobre seu primeiro período na universidade, ela aponta a pandemia como sendo sua principal dificuldade, já que foi impossibilitada de experienciar certos momentos que poderiam contribuir para sua formação acadêmica

[...] entrou um cenário que era pré-pandêmico então foi muito pouco contato social quando acontece a paralisação que seria 15 dias e acabou se tornando seis meses ou mais e aí quando a gente voltou foi mal tratamento, porque era para fazer três períodos em um ano então foi muito, muito corrido, muita informação e tanto professores quanto os alunos estavam se adaptando com cenário de utilização de tecnologias. (...) nem todos os alunos têm tecnologia com acesso à internet, né, grande parte deles também moram na zona rural e tudo mais. Então foram esses três períodos de adaptação, os dois a gente se adaptou às metodologias alternativas para promover o aprendizado para os alunos (Ana Maria, estudante de Biologia –UFT/UFNT).

Ana Maria apontou que a pandemia provocou um distanciamento social, não somente entre pessoas, mas também entre a academia e os universitários e, esse momento, tratado como crucial para a efetiva permanência dos estudantes foram agravados. Isso porque, o processo de afiliação dos estudantes, segundo Coulon (2008), se dá no constante exercício de alternativas e ter entendido o ritmo próprio das múltiplas regras da vida de um estudante e compreender sua ordem temporal.” (COULON, 2008, p. 208).

Entendemos as experiências de Vinicius e Ana Maria como um exemplo de multiterritorialidade em ação. A transição do ensino remoto para o presencial e a adaptação a um ambiente educacional transformado pela pandemia são expressões de como os territórios não são apenas físicos, mas também simbólicos e emocionais. A pandemia forçou uma ampliação das práticas educacionais e sociais, movendo-as de espaços físicos para virtuais e, eventualmente, de volta para o presencial.

A multiterritorialidade teorizada por Haesbaert (2004) pode ser observada na maneira como os estudantes, como Vinicius, navegaram entre diferentes "territórios" durante a pandemia, como espaço de aprendizado, o ambiente virtual do ensino médio e da universidade, e finalmente, a universidade física. Essa experiência destaca a adaptabilidade e a resiliência dos estudantes diante das mudanças forçadas nas suas territorialidades habituais.

Nesse sentido, a vivência em novos territórios, portanto, não se limita ao espaço físico da universidade, mas envolve uma complexa negociação de identidades e pertencimentos. A narrativa de Emanuel Alves, estudante de Zootecnia, destaca os desafios de transitar em "territórios virtuais" que coexistem na universidade. Ele comenta:

É muito difícil entrar na questão do Cubo e do Piso, que é a inscrição para auxílios como alimentação, computadores. São muito bons, mas são muitos documentos, tantas coisas que às vezes a gente nem consegue porque tem que fazer muitos documentos, muitos mesmos (Emanuel Alves, estudante de Zootecnia – UFT/UFNT).

Essas experiências ressaltam a complexidade da adaptação dos/as estudantes ao novo ambiente acadêmico e a necessidade de apoio institucional para que possam construir suas trajetórias acadêmicas com sucesso. Sob esse prisma, a multiterritorialidade teorizada por Haesbaert (2004) pode ser observada na maneira como os/as estudantes navegam entre diferentes "territórios" durante sua jornada universitária, combinando suas vivências anteriores com as novas experiências no ambiente acadêmico.

Considerações finais

As experiências de multiterritorialidade e as estratégias construídas pelos/as estudantes para superar os desafios acadêmicos refletem a complexidade do processo de adaptação ao ambiente universitário. Esse processo envolve não apenas a navegação entre diferentes territórios físicos e simbólicos, mas também a construção de uma nova identidade acadêmica. Os relatos dos estudantes revelam como eles utilizam suas

experiências prévias e redes de apoio para criar estratégias que os ajudam a alcançar seus objetivos educacionais em um contexto muitas vezes adverso.

O acesso de jovens de camadas populares na universidade pública é algo relativamente recente e ainda é motivo de importantes debates. Esse artigo é resultado de uma dissertação, defendida em junho de 2024, que teve como foco investigar como esses jovens, diariamente, estabeleceram critérios para agirem em benefícios de seus sucessos acadêmicos. A palavra sucesso pode até parecer revestida de meritocracia, mas que neste estudo, ela se apresenta como sinônimo de conquistas cotidiana dos/as interlocutores/as.

Logo, compreendemos que o sucesso acadêmico não se limitou a alcançar altas notas ou prêmios, mas, principalmente incluiu o desenvolvimento pessoal, a adaptação à cultura universitária, a formação de redes de apoio e a capacidade de criação de estratégias para enfrentar desafios pessoais e acadêmicos.

A metodologia escolhida nos permitiu ouvir narrativas de estudantes que, no dia a dia, incorporam as suas dificuldades e constroem práticas, ou seja, ações que, individual ou coletivamente, solucionam os problemas diários. Logo, a etnometodologia explorou como os indivíduos, por meio de suas práticas/estratégias constroem e mantêm no universo da academia, demonstrando uma competência social que lhes permite se adaptar e integrar-se em diferentes contextos sociais e institucionais da Universidade.

Acreditamos que ao reconhecer e valorizar as práticas cotidianas desses estudantes, as universidades podem criar um ambiente mais inclusivo e acolhedor, capaz de atender às diversas demandas de estudantes do ensino superior, principalmente advindas de camadas populares.

Referências

CARNEIRO, Ava da Silva Carvalho; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. Estudantes de origem popular e afiliação institucional. *In*: SANTOS, Giorgina Gonçalves dos; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 53-69.

COULON, Alain **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador: Edufba, 2008.

COULON, Alain. Etnometodologia e pesquisa qualitativa em saúde: observar, ouvir, descrever. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 28, n. 56, p. 33-43. 2019.

COULON, Alain. A etnometodologia. Petrópolis: Vozes, 1995.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Dos territórios à Multiterritorialidade., RJ, Bertrand Brasil, 2004.

OLIVEIRA, Clarissa Tochedo; WILES, Jamille Mateus; CHECHI, Pascale Fiorin; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções de estudantes universitários sobre a relação professor-aluno. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, p. 239, 2014.

Data do envio: 02 /09 /2024

Data do aceite: 19 /12 /2024.